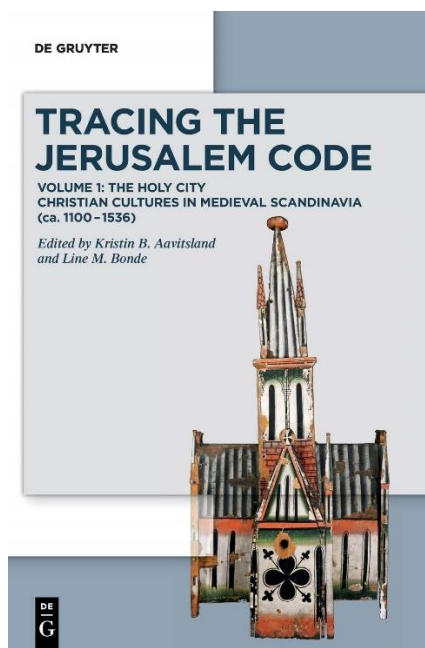


A INFLUÊNCIA DE JERUSALÉM NA CRISTIANIZAÇÃO DA ESCANDINÁVIA JERUSALEM'S INFLUENCE ON SCANDINAVIA CHRISTIANIZATION



AAVITSLAND, K. B. (2021). *Tracing the Jerusalem Code, Volume 1: The Holy City Christian Cultures in Medieval Scandinavia (ca. 1100–1536)*. Walter de Gruyter (De Gruyter). 2021.

Lucas Pinto Soares¹

Vivemos um período favorável para os estudos sobre a Escandinávia medieval, em que pesquisadores desenvolvem, em diversos temas, importantes materiais para se compreender o período conhecido como a Era Viking² e os povos que viviam nessa região. Dentre o tema mais estudado pelos pesquisadores está o processo de cristianização, que engloba aspectos sociais, culturais, econômicos, políticos etc. Compreende-se que o norte europeu vivenciou momentos singulares de evangelização, tanto com os Celtas das ilhas britânicas e Irlanda a

¹ Mestrando em História Política e Cultural pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2159-9553> E-mail: lucas.soares.historia@gmail.com

² Considerada um período de atividade e irrupção do Norte nas terras povoadas do sudoeste e sudeste europeu, marcado entre as datas de 800 a 1100 depois de Cristo (Langer, 2017, p. 212).

partir do século V até o processo de conversão dos últimos pagãos da Europa – os Vikings – nos séculos IX e X d.C (Langer, 2005, p. 185).

Difícilmente podemos apontar uma data de início e fim para a conversão religiosa da Escandinávia, sendo um consenso para a historiografia contemporânea que esse processo não foi abrupto ou repentino, por isso, pesquisadores dividem seus estudos pelos países nórdicos, como Dinamarca, Islândia e Noruega, pois cada um desses têm suas características e devem ser compreendidos dentro de suas histórias, entendendo que o Cristianismo era visto por eles como mais uma forma, dentre outras, de crença (Oliveira, 2017, p. 156). Para André de Oliveira esse movimento religioso, político e cultural resulta em uma variante do Cristianismo, mesmo que sob igual nomenclatura, apresenta singularidades regionais da cultura local e política de cada região influenciando na visão de mundo e nas práticas cristãs emergentes.

Nessa perspectiva, em análise atual das principais fontes de pesquisa da fase do processo de cristianização da Escandinávia, o presente texto resenhará sobre o recente livro *Tracing the Jerusalem Code* volume 1, intitulado *The Holy City Christian Cultures in Medieval Scandinavia (ca. 1100 – 1536)*, organizado pela professora Kristin Bliksrud Aavitsland da MF Norwegian School of Theology, Religion and Society de Oslo e pela estudante de PhD Line M. Bonde, também da MF Norwegian School of Theology, Religion and Society.

O texto consiste em um compêndio de vários estudos, com autores preocupados em compreender o *código* de Jerusalém no espaço e tempo do período de conversão religiosa e mudanças no imaginário político, cultural e social ocorridas nos países escandinavos na Idade Média. A obra possui vinte e quatro capítulos organizados por temáticas em quatro partes denominadas, respectivamente; *Reis, cruzados e relíquias de Jerusalém: estratégias de legitimação, modelos de autoridades*; *A Cidade Santa: viagens, percepções e interações*; *Jerusalém transposta e reconstituída: paisagens urbanas, igrejas e práticas*; por fim, *Navegando no mundo sagrado da história: paisagens nórdicas e história da salvação*.

O livro é estruturado, portanto, com listas de ilustrações, mapas e abreviações nas primeiras páginas, seguido dos comentários editoriais e do prefácio. A introdução é composta por três textos que apresentam a estrutura e os temas abordados na obra. A primeira parte possui seis capítulos direcionados aos temas de caráter político; a segunda parte é fundada por quatro capítulos que abordam as percepções, interações e viagens relacionadas à Terra Santa; a terceira parte é constituída por seis capítulos que analisam as paisagens urbanas,

arquitetura e práticas nas ambientações; a quarta e última parte possui cinco capítulos que expõem sobre a paisagem nórdica, imaginário da Terra Santa no mundo nórdico antigo e objetos ligados a salvação na Escandinávia medieval. Por fim, o livro apresenta a bibliografia e os índices dos manuscritos.

Os temas e pesquisas dos capítulos se mostram relevantes para agregar aos estudos da vikingologia³, na perspectiva de que trazem novas questões e análises das fontes, incorporando a influência que a cidade de Jerusalém teve para os países cristãos europeus e sua transferência e significados simbólicos nas sociedades escandinavas. Este texto tem como objetivo, portanto, discutir de forma generalizada e sucinta as pesquisas apresentadas pelos autores do livro, tendo como foco capítulos específicos das partes supracitadas tendo em vista o vasto conteúdo da obra.

Logo no prefácio o questionamento no título “Por que Jerusalém na Escandinávia?” responde os anseios das pesquisas. Segundo o texto, Jerusalém é um lugar de extrema importância para três religiões, o Islamismo, Cristianismo e Judaísmo, sendo a capital da Judeia para os judeus, o centro da vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo para os cristãos e para os muçulmanos foi o lugar onde o profeta Muhammad ‘viajou’ para os céus. Entretanto, sob conflitos, os cristãos acreditam ser os legítimos herdeiros de Jerusalém. Em virtude dos significados implicados, as culturas influenciadas pelo Cristianismo importam de Jerusalém uma ideia tanto terrena quanto sagrada, introduzindo estruturas de linguagem literária e religiosa ao longo de dois milênios. No entanto, a fé cristã chegou tarde na Escandinávia, metade do intervalo do tempo, ainda assim, várias fontes indicam que Jerusalém foi significativa para os habitantes desta parte do mundo.

O livro investiga o imaginário⁴ de Jerusalém nas fontes religiosas, políticas e artísticas na perspectiva da longa duração⁵, com a finalidade de descrever a história do Cristianismo na Escandinávia. Dois processos históricos foram significantes para a concepção da ideia de Jerusalém nos países escandinavos, o primeiro foi a conversão tardia ao Cristianismo – X e XI

³ Termo utilizado pelo professor escandinavista Johnni Langer no texto “A cristianização dos vikings e do Norte europeu” para designar estudos voltados para a sociedade escandinava e a Era Viking.

⁴ Conceito empregado como ideias e representações de um determinado período, dando sentido àquele tempo e espaço na história (Langer, 2012, p. 5).

⁵ Teoria de Braudel que incorpora os três tempos da história: das estruturas, o quase imóvel e a relação entre o homem e a natureza, concebendo sempre como um domínio temporal ligado às relações entre homens, geografia e a condição da vida material (Vainfas, 1997, p. 134).

séculos –, pois a formação recente da igreja e do Estado no século XII coincidiu com o surgimento da ideologia cruzada, quando os nórdicos interpretaram sua própria posição cosmográfica na estrutura cristã, ocorrendo a questão de se conectar a Jerusalém, o centro escatológico e moral do mundo. O segundo processo consiste na reforma luterana na primeira metade do século XVI, que implicou uma reinterpretação do significado de Jerusalém. As legitimações protestantes modernas da escolha de Deus foram baseadas em um paradigma de justificação pela fé e não mais em transferência física de santidade ou autoridade, porém, a ideia de Jerusalém continuou a legitimar autoridades religiosas na construção de uma identidade de comunidade luterana.

O livro investiga, através desses aspectos, o impacto que Jerusalém teve na Escandinávia ao longo de mil anos de história, argumentando que compreensões de variados repertórios metafóricos ligados a Jerusalém podem ser concebidos como um código cultural. A pesquisa da obra integra a aplicação histórica da bíblia, o princípio estruturante das metáforas nela presente e seu potencial para a produção cultural e construção de significado. Os autores afirmam que precisavam de termos analíticos que absorvesse a complexidade das conotações de Jerusalém, descrevendo os fenômenos e impactos através da mudança de períodos históricos, portanto Jerusalém é compreendida como um código cultural.

O termo “código” possui aplicações em diversos campos, desde o código genético até o código de programação, no cotidiano utilizamos esta palavra para nos referirmos a senhas ou dígitos e por mais diversos que sejam esses usos, há características em comum, pois dizem respeito a passagem de mensagem e comunicado enigmáticos requerendo decodificação para serem entendidos. Em todos os casos o termo se torna uma comunicação chave, aplicada para fazerem as coisas acontecerem. Nessa perspectiva, Jerusalém se torna o princípio organizador de um código por fazer conotação a um conjunto de símbolos e significados que se relacionam e permitem a produção de sentido. Para o Cristianismo, Jerusalém possui relevantes símbolos que podem ser aplicados para evidenciar o sagrado e a relação entre o homem, a sociedade e Deus.

O código cultural de Jerusalém tem o poder para estruturar perspectivas cristãs sobre o mundo, articulando em diferentes meios de comunicação. Segundo os autores, é necessário rastrear o “código” para entender como ele opera dentro do tempo e espaço, aplicando metáforas presentes em textos em edifícios e rituais, moldando o imaginário e significados,

atuando em um mundo de histórias, conceito pertencente a teoria narrativa que define os limites da atuação individual dentro de um enredo. Estes indivíduos, históricos ou ficcionais, movem-se em seu universo, mas além dele há um vazio e seu horizonte é marcado pela narrativa principal, que dá forma ao mundo.

O capítulo de introdução intitulado *Jerusalem: Navel of the Storyworld in Medieval Scandinavia* de Kristin B. Aavitsland expõe sobre a inclusão da cristandade em terras escandinavas, em que mostrou para os nórdicos diferentes pontos de referência no tempo e espaço, um novo horizonte cristão e perspectivas cristãs no mundo de suas histórias, influenciando no desenvolvimento de instituições e na política, na cultura material e literatura. Segundo a autora, essas histórias e movimentos, inseridos em questões políticas, religiosas e culturais da Dinamarca, Noruega, Islândia e Suécia medievais, foram motivadas pelo que compreendem como o código de Jerusalém (Jerusalem Code). Kristin Aavitsland afirma que este volume da obra pretende estabelecer um plano de fundo histórico e conceitual das variadas manifestações do código de Jerusalém.

Sob a lente dos islandeses do século XIII, como o historiador, poeta e político Snorri Sturluson⁶ e os noruegueses que o liam, além dos suecos e dinamarqueses contemporâneos, a narrativa do cenário cristão - oikumene - era um enquadramento conhecido e clara para qualquer história que seria contada. No entanto, os reis do século X que Sturluson escreve sobre esforçaram-se para se familiarizar com o tempo e espaço das narrativas, devido, também, a tardia conversão à fé cristã.

Os escandinavos tiveram contato com práticas cristãs a partir do século VIII, desde então tendeu a conformar-se com elas, porém, qualquer investida de missionários ao norte nessa época não teve êxito, encontrando resistências agressivas. A autora relata que mesmo com a resistência de início, os escandinavos se acostumaram com práticas cristãs em seus assentamentos fora da Escandinávia, além da presença de cristãos também no Norte. O processo de cristianização dos países da Escandinávia iria se concluir pelo menos dois séculos depois e de forma política, na Dinamarca com o batismo do rei Harald Bluetooth na década de 960, na Islândia com o Alþingi de 999 com a reunião de chefes, na Noruega com Olaf

⁶ Famoso sacerdote islandês que viveu entre 1179 e 1241, que teve uma boa educação realizada em Oddi, um relevante centro intelectual do período, no qual favoreceu para sua formação como compilador de obras mitológicas e diversas sagas (Vianna, 2019, p. 105).

Tryggvason na década de 990 e na Suécia com o batismo de membros políticos no ano 1000 em diante.

Com o Cristianismo estabelecido no Norte no final do século XI a mudança de costumes teria marcado a história da Escandinávia. Conforme o código de Jerusalém adentrava nesse processo, uma rede de práticas produtivas de ideias culturais cristãs se tornou aplicáveis a religião e cultura das comunidades, que cada vez mais se conectavam de forma moral e escatológica com o mundo da história cristã vinda de Jerusalém. A Cidade Santa se torna um centro conceitual e simbólico por ser um lugar que detém o foco da intervenção divina na história humana, mas de que maneira se tornou um código medieval? Segundo Kristin Aavitsland, objetos materiais como relíquias importantes de Cristo até pedras e poeira do chão da cidade ganhavam significados estratégicos. Esses materiais se tornaram uma das formas mais relevantes para difundir a santidade de Jerusalém, pois com elas era possível levar um pouco da fonte do Cristianismo para todos os lugares.

Essas estratégias inscreveram a Escandinávia na história da salvação cristã, pois a inserem na noção de povo eleito por Deus presente no conceito de código de Jerusalém. Essa noção informa sobre identidade de um grupo dentro de nações cristãs europeias, sendo que a ideia da eleição divina e terras detentoras de relíquias da Terra Santa fazem parte da história do Cristianismo não importando sua distância de tempo e espaço de Jerusalém.

Nesses aspectos, podemos entender que o código de Jerusalém não se restringia ao espaço litúrgico, em que desde o início skalds⁷ reais e cronistas aplicavam suas metáforas e narrativas para fins políticos. Desde o surgimento da cultura letrada na Escandinávia, que coincidiu com o apogeu da cruzada, a conexão com Jerusalém deixou de ser somente vertical para se tornar horizontal, onde os nortistas deveriam reformular seu passado para encontrar um lugar na cristandade, lutando com seus inimigos ou defendendo sua fé com força armada. Na Escandinávia a cultura pré-cristã que moldou o seu povo como guerreiros parecia uma identidade cristã que deveria ser levada em consideração, logo, a cruzada tomou dimensão primordial da recepção de Jerusalém na Escandinávia, tanto na política quanto na ideologia.

Na primeira parte do livro, que possui seis capítulos sobre a história de reis, cruzados e relíquias, o texto de Bjørn Bandlien intitulado *Jerusalem and the Christianization of Norway*

⁷ *Skalds* e seus poemas estavam intimamente ligados aos reis e grandes homens do passado dos noruegueses (Lindow, 2008, p. 132-133).

expressa sobre o processo de cristianização da Noruega, que durou séculos e percorreu pelo período conhecido como Era Viking (séc. VIII à XI). Bandlien afirma que na virada do milênio a cristandade já estava bastante consolidada, com as leis da igreja construídas e introduzidas. Pessoas que não aceitaram ou não se adaptaram a essas leis – alimentação e jejum, batismos de crianças, ritos de casamento e funeral etc.– foram submetidas a ilegalidade.

No distrito de Borgarting no leste da Noruega a abertura da seção do direito cristão afirma que “Este é o fundamento da nossa lei; que devemos nos curvar para o leste e dar a nós mesmos a Cristo e venerar igrejas e clérigos.”⁸, em que podemos observar postura de respeito e devoção aos cristãos do leste, ou seja, Jerusalém. Portanto, na Escandinávia, a orientação espacial é movida dos centros familiares – chefes de tribo – para igrejas e a Terra Santa. O reino norueguês se via como parte do oeste que tinha devoção ao leste, apropriando-se geograficamente da orientação da cristandade europeia. O capítulo discute a importância de Jerusalém nos termos rituais, espaciais e ideológicos no contexto norueguês da conversão religiosa no governo de Olaf Haraldson (1015-1028).

Conforme evidências das fontes, Olaf Haraldson durante estadia na Normandia, teria finalidade de visitar Monte Gargano e Jerusalém como peregrino e como parte das forças normandas no sul da Itália. De acordo com a Heimskringla de Snorri Sturluson (Óláfs saga helga, cap. 18), Haraldson foi para o sul da Inglaterra e Normandia com a intenção de ir a Jerusalém, mas antes de chegar a Gibraltar teve a visão de um homem que mandou ele abandonar seus planos e ir em direção a terras ancestrais e se tornar rei da Noruega. Segundo o autor do capítulo a história tem claramente marcas de ser uma lenda interpretada por Sturluson sabendo da santidade de Olaf como padroeiro da Noruega. Ainda assim não parece improvável que no ano de 1013, enquanto estava a serviço de Ricardo II, Olaf Haraldson tenha feito uma jornada para a Terra Santa, em suas viagens ainda como um jovem guerreiro ele encontraria ideias, princípios e narrativas que conectaram seu governo a Jerusalém.

A segunda parte da obra possui quatro capítulos que discutem sobre interações, viagens e percepções ligadas a Cidade Santa. O capítulo de Denys Pringle, chamado Scandinavian Pilgrims and the Churches of the Holy Land in the Twelfth and Thirteenth

⁸ De eldste østlandske kristenrettene, ed. Eyvind Fjeld Halvorsen e Magnus Rindal, *Norrøne tekster*, 7, Oslo: Riksarkivet, 2008.122: Þet er uphaf lagha uarra. em austr skulum luta oc gevaz Kristi røkia kirkiur oc kenne men (Tradução para o inglês de Bjørn Bandlien) (Tradução própria para o português).

Centuries, aborda as valiosas fontes de informações sobre política, guerra e viagens, que relatam escandinavos indo à Terra Santa nos séculos XII e XIII com finalidade de peregrinação e cruzada, que também contribuíram para a literatura da Europa Ocidental.

O autor afirma que há registros de peregrinos escandinavos em Jerusalém no século anterior a Primeira Cruzada, porém, após esse evento houve um aumento exponencial mesmo com a imprecisão de quantos eram peregrinos e quantos eram cruzados, pois muitos que iam lutar também visitaram locais sagrados. Um exemplo foi o rei Erik da Dinamarca (1095 -1103), que em sua peregrinação penitencial no ano de 1103 estava acompanhado de sua rainha Bodil e sua companhia de cavaleiros. Em outro momento, em uma expedição dinamarquês-norueguesa, com pessoas para se juntar à Terceira cruzada no ano de 1191, depois de descobrirem que a luta havia acabado visitaram lugares santos antes de retornarem para casa.

Pringle analisa, também, os cruzados que acompanhavam o rei Sigurd Magnuson da Noruega para o leste no início do século XII, que participaram da conquista de Sintra e Lisboa e antes de partirem para o leste para ajudar Baldwin I de Jerusalém na captura de Sidon, realizaram peregrinações ao Santo Sepulcro e ao rio Jordão, onde Cristo havia se batizado próximo a Jericó. O autor relata, ainda, que durante o conselho de guerra em Jerusalém, Baldwin teria dado a Sigurd um fragmento da 'Verdadeira Cruz' sob a condição (segundo Snorri Sturluson) de "que ele e outros doze homens jurassem primeiro que promoveriam o Cristianismo, estabelecendo em seu país uma Sé de arcebispo"⁹.

Há um relato de uma peregrinação real da Islândia a Jerusalém ditado por Nikulás em islandês em meados do século XII. O texto se encontrava em uma miscelânea enciclopédica no ocidente da Islândia em 1387 e foi editado por Kålund em 1908, sendo traduzido para o inglês e publicado por Benjamin Z. Kedar e C. Westergård-Nielsen em 1982 e por Joyce Hill em 1983. Segundo os eventos relatados no texto, a peregrinação deve datar após o ano de 1103, quando Erik, O Bom foi enterrado, embora alguns eventos estejam relatados erroneamente. Entretanto, Nikulás descreve que a cidade ainda era tomada por muçulmanos. Pringle afirma, portanto, que escandinavos continuaram visitando Jerusalém no final do século XII e início do XIII, na época da Terceira e Quinta Cruzada, concluindo que há importantes fontes que evidenciam constante presença nórdica na Terra Santa.

⁹ Snorri Sturluson, *Heimskringla* 3.11, tradução de Alison Finlay e Anthony Faulkes, 3: 152; cf. Riant, *Expéditions et pèlerinages*, 1: 188-90. (Tradução própria para o português)

Na terceira e penúltima parte, contendo seis capítulos, *Tracing the Jerusalem Code* discorre sobre os temas paisagens urbanas, igrejas e práticas. O capítulo de Line M. Bonde, *Jerusalem Commonplaces in Danish Rural Churches: What Urban Architecture Remembers*, aborda, de início, uma onda de igrejas de pedra construídas no século XII na Dinamarca. O surgimento de construções de pedra nesse período está ligado a cristianização tardia dos dinamarqueses. Igrejas de pedra tinham a pretensão de estarem ligadas ao estilo Românico e a articulação visual e compreensão arquitetônica era mais do que, segundo a autora, mero jogo de formas e formatos, mas sim uma retórica visual. As primeiras igrejas nesse estilo carregavam uma infinidade de metáforas e simbolismos cristãos a fim de traduzir Jerusalém e a história cristã no mundo dinamarquês.

Nessa perspectiva, a arquitetura se relaciona com o conceito do termo reconhecibilidade, algo que “lembra” algo, e as igrejas nesse aspecto lembram a casa do Senhor, o templo de Jerusalém. O edifício físico da igreja é interpretado como Nova Jerusalém, demonstrando em seus vislumbres como as concepções da Terra Santa formaram o imaginário cristão na Idade Média, emoldurando os eventos da história humana, trazendo consigo um passado bíblico que se manifestava no presente.

Bonde afirma que nos textos exegéticos medievais a construção da igreja não é apenas uma metáfora para o templo em Jerusalém, o edifício da igreja participa ativamente do processo de construção de significado. Neste capítulo a autora explora como as concepções de arquitetura de Jerusalém funcionavam nesse processo, sendo a cristianização um movimento que exigiu adaptação do passado nórdico com a finalidade de construir um futuro, concluindo que a onda maciça de construção de igrejas se consolidou como uma estratégia de consolidar a nova fé no final do século XI. Nesse contexto, torna-se razoável, segundo a autora, sustentar que a articulação arquitetônica do próprio ‘motivo-lugar-comum’ pretende algo, participar ativamente da construção de significado. Essa construção só pode surgir da interação dinâmica, dentro da história de salvação da igreja, do desenrolar do tempo, do ritual, da arquitetura e das práticas que as interagem, permitindo um acesso restrito ao sagrado.

A última parte do livro aborda as paisagens nórdicas e a história da salvação, contendo cinco capítulos. O texto *Imagining the Holy Land in the Old Norse World* do professor Mikael Males analisa as lentes e o imaginário dos nórdicos com relação ao sagrado vindo de Jerusalém, no qual é afirmado que no século XII islandês encontramos peregrinos admirando

o sangue de Cristo na terra onde a cruz esteve, ao mesmo tempo em que há evidências de vikings cruzados orgulhosos de Órcades menosprezando “covardes” que visualizaram a Terra Santa apenas pelas narrativas das sagas. No século XIII islandês podemos notar uma Terra Santa local, incorporada ao estilo da saga islandesa.

Tardiamente convertidos, os nórdicos teriam perdido o tempo e espaço dos locais e eventos importantes da salvação. Males declara que tanto em materiais orcadianos quanto no islandês vemos uma espécie de “negociação criativa” de ambos com a distância temporal. Seu capítulo tem como foco analisar atitudes relacionadas a Jerusalém em fontes nórdicas antigas e estratégias utilizadas para tornar a Terra Santa, de certa forma, doméstica. O primeiro ato dessa ‘domesticação’ estaria em como o nome Jerusalém foi traduzido para o nórdico antigo, Jórsalir, sendo clara, segundo o autor, uma reanálise de significados, traduzidas como “salões reais” ou “cidade do rei”. A adaptação do nome resulta de uma interpretação do vernáculo local, assim como as sagas e a percepção da Terra Santa se alimentavam mutuamente, resultando em uma síntese espiritual do mundo.

As fronteiras entre o mundo das sagas e a peregrinação estão inseridas em uma esfera conceitual em que Jerusalém e os lugares sagrados eram estabelecidos como familiar através de alguns quadros. Para autores, compiladores e poetas as regiões do norte estavam presentes no centro das ‘coisas conhecidas’ e Jerusalém era o desconhecido, porém, na perspectiva religiosa, Jerusalém era o centro e o Norte era um ‘posto avançado’ recém-convertido. Essa tensão entre os conceitos fez surgir o desejo de amenizar o distanciamento entre eles de duas maneiras; indo em lugares sagrados para incorporá-los como ‘coisas conhecidas’, lendo ou escrevendo sobre eles; e mapear a topografia sagrada e a história sobre os lugares e eventos nórdicos. Males analisa a *Eyrbyggja Saga*¹⁰, onde as percepções da Terra Santa misturam-se com as narrativas da saga e o movimento não é através do tempo, como em Órcades, mas do espaço. A história permanece no passado, mas o significado da Terra Santa está mapeado na paisagem local, com estratégias que se baseiam na mesma narrativa de mundo das sagas, trazendo os lugares sagrados para perto, assim, tanto no tempo quanto no espaço.

¹⁰ Obra anônima de um subgrupo (Sagas de Distrito) das *Íslendingasögur*. A saga não narra sobre aventuras de um personagem, mas sobre habitantes de uma península chamada Þórsness e a colonização de suas terras ao oeste da Islândia e suas lutas de poder no primeiro século desse período (Ánton, 2017, p.249).

A partir das observações aqui exploradas de forma sucinta da obra, compreende-se que há uma expansão de conceitos relacionados às fontes e ao fenômeno de conversão religiosa e o imaginário dos escandinavos no período de cristianização. Sem dúvidas o aspecto político teve papel fundamental para que esse processo fosse concluído, entretanto, sob análise, as fontes evidenciam como os aspectos sociais e culturais precisaram ser trabalhados em prol de um Cristianismo sólido.

Nesse contexto, o imaginário¹¹ recebe relevante função de ressignificar lugares, objetos, tradições e crenças. Assimilação e hibridização¹² são processos culturais debatidos a respeito da cristianização dos escandinavos, devido a emergência de uma identidade cristã de caráter singular oriunda de um longo processo de abandono dos costumes pré-cristãos, levando ao contato das culturas e sincretismo religioso, possuindo imaginário e elementos de ambas as crenças (Fernandes; Oliveira, 2016, p. 98).

O livro *Tracing the Jerusalem Code*, portanto, enriquece essas discussões incluindo pesquisas e análises bem desenvolvidas de diferentes fontes sobre o contato escandinavo com a importante cidade de Jerusalém e seu significado para a criação de uma história do Cristianismo em diferentes regiões. As partes e os capítulos englobam amplo horizonte de temas, países e regiões, períodos e épocas, arquitetura, imaginário e política, traçando o processo de cristianização desde o código significatário da Terra Santa até os compiladores e autores das Sagas Islandesas. A obra amplia os estudos sobre a religiosidade e visão de mundo dos escandinavos, direcionado, a priori, a pesquisadores de história medieval, porém, a escrita – mesmo que ainda na língua inglesa – simples dos autores e a presença de observação de imagens possibilitam o entendimento de leitores de outras áreas e interessados nas temáticas nórdicas e viking.

¹¹ As autoras Mônica Vahl e Mariele Vasconcellos utilizam Swain (1994) para afirmar que o imaginário abrange a linguagem, símbolos, discursos, representações e crenças, criando sentidos, identidades, coerências e incoerências (Vahl; Vasconcellos, 2014, p. 230)

¹² A exemplo da Islândia, igrejas exibem elementos religiosos combinados causados pela fusão de identidades durante a Era Viking, vestígios dos hábitos humanos que refletem a complexidade e fluidez de identidades culturais e religiosas. Portanto, não há estaticidade na cultura, que passa por processo de hibridização e transformações em seus contextos contemporâneos (Kristjánsdóttir, 2009, p. 423).

Referências Bibliográficas

- ÁNTON, Teodoro Manrique. Eyrbyggja Saga. In: LANGER, Johnni. (Org.). *Dicionário de História e Cultura da Era Viking*. 1ed. São Paulo: Hedra, 2017, v. 1, p. 249-251.
- FERNANDES, Lucas C.; OLIVEIRA, A. A. Entre as linhas e sentidos: Estética literária e Imaginário de cristianização na Íslendingasögur e Biskupasögur. *REVISTA ENBORNAL*, v. 7, p. 76-103, 2016.
- KRISTJÁNSDÓTTIR, Steinunn. The Vikings as a Diaspora – Cultural and Religious Identities in Early Medieval Iceland. Viking Settlements and Viking Society. *Papers from the Proceedings of the Sixteenth Viking Congress, Reykjavík and Reykholt, 16th -23rd August 2009*.
- LANGER, J. Era Viking. In: LANGER, Johnni (Org.). *Dicionário de História e Cultura da Era Viking*. São Paulo: Hedra, 2017, pp. 212-220.
- LANGER, J. A Nova História Cultural: origens, conceitos e críticas, *HISTÓRIA E-HISTÓRIA* (UNICAMP), 02/02/2012, ISSN: 1807-1783, disponível em: <http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=artigos&id=186>. História e-História, v. web, p. 02/02-2012, 2012.
- LANGER, J. A cristianização dos vikings e do norte europeu, *HISTÓRIA QUESTÕES & DEBATES* n. 43, UFPR. História. Questões e Debates, v. 43, p. 185-189, 2005.
- LINDOW, J. St Olaf and the Skalds. In: *Sanctity in the North: saints, lives and cults in Medieval Scandinavia*/edited by Thomas A. DuBois. University of Toronto Press Incorporated. 2008.
- OLIVEIRA, A. A. Conversão ao Cristianismo. In: LANGER, Johnni. (Org.). *Dicionário de História e Cultura da Era Viking*. 1ed. São Paulo: Hedra, 2017, v. 1, p. 153-157.
- VAHL, Mônica M; VASCONCELLOS, Marciele A. Mentalidades e Imaginário: (des)continuidades. *Cad. de Pesq. Interdisc. em Ci-s. Hum-s.*, Florianópolis, Santa Catarina v.15, n.106, p. 221-234 – jan./jun. 2014.
- VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História – ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997:127-162.
- VIANNA, Luciano J. A Auctoritas da Linhagem dos Ynglingos na obra de Snorri Sturluson (c. 1179-1241) como objeto educacional da política medieval. *Revista Ágora*. Vitória. n. 30. 2019. p. 102-118.